

Diversidade sexual e docência na produção do Grupo de Trabalho 23 da ANPEd (2004/2011)<sup>1</sup>

*Publication on sexual diversity and teaching of the ANPEd's Work Group 23 (2004/2011)*

Márcia Ondina Vieira Ferreira<sup>2</sup>

Luciano Pereira dos Santos<sup>3</sup>

### Resumo

Apresentam-se resultados de um estado da arte da produção sobre gênero e sexualidades publicada na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, focada, no caso deste artigo, em análises relatadas no Grupo de Trabalho 23 (Gênero, Sexualidade e Educação) sobre os posicionamentos docentes relativos à diversidade sexual na escola. O *corpus* documental desta pesquisa compreende o período de 2004 a 2011. Os estudos selecionados retratam um cenário no qual o posicionamento docente, no que tange às manifestações de homoafetividade ou de homofobia no ambiente escolar, configura-se como instável e empenhado em manter os conceitos heteronormativos de relações sexuais e afetivas.

**Palavras-chave:** ANPEd. Diversidade sexual. Homofobia. Pesquisa bibliográfica. Produção científica. Trabalho docente.

<sup>1</sup> Versão ampliada do artigo apresentado no VII Congresso Internacional de Estudos sobre Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, em maio de 2014.

<sup>2</sup> Professora Doutora, Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação. R. Alberto Rosa, 154, 2º andar, *Campus* das Ciências Sociais, 96101-770, Pelotas, RS, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: M.O.V. FERREIRA. E-mail: <marciaondina@uol.com.br>.

<sup>3</sup> Mestrando, Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação. Pelotas, RS, Brasil.



## Abstract

*The study presents the results of the state-of-art publications on gender and sexuality published in the proceedings of the National Association of Graduate studies and Educational research Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Brasil. As discussed in this article, the studies focused on the analysis of the teachers' attitude regarding sexual diversity at school discussed in the Work Group 23. The documental corpus of this research refers to the period from 2004 to 2011. The selected studies show that the teachers' attitude regarding the manifestations of homosexuality or homophobia at the school's environment is unstable and they seek to maintain compulsory heterosexuality.*

**Keywords:** ANPEd. Sexual diversity. Homophobia. Bibliographic research. Scientific production. Teachers' work.

## Introdução

Questões relativas à orientação sexual e à identidade de gênero vêm sendo propostas e debatidas no campo dos direitos humanos pela sociedade brasileira nas últimas décadas. Discussões sobre diversidade sexual têm ganhado espaço em diferentes cenários: política, educação, mídia e movimentos sociais. Nas últimas eleições, foi alvo de intensos conflitos nos debates e campanhas à presidência da república e aos governos estaduais.

No universo escolar, a sexualidade tem sido um tema polêmico, considerando a multiplicidade de visões, crenças e valores presentes nesse ambiente. Ali também o tema é permeado por tabus e preconceitos. Quando se trata das homossexualidades, a questão se torna mais delicada diante da sociedade heteronormativa em que vivemos. Se, por um lado, apresenta-se como um tema intrigante, provocador, por outro, as homossexualidades são alvo de perseguições por parte de correntes de pensamento conservadoras e de vários segmentos religiosos.

Com o intuito de analisar as interlocuções docentes relativas à diversidade sexual a partir de estudos feitos no campo da educação, este trabalho apresenta um recorte nos estudos relatados no GT 23 (Gênero, Sexualidade e Educação) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), compreendendo o período de 2004 - ano da criação do GT 23 - a 2011 -, e tomando como fonte documental a base de dados construída quando da realização de um estado da arte da produção da ANPEd sobre gênero e sexualidades (Ferreira & Klumb,

2012; Ferreira *et al.*, 2013). A organização foi escolhida por sua representatividade ao associar programas brasileiros de pós-graduação em educação, bem como grande parte das e dos pesquisadores que atuam na área, de tal maneira que suas reuniões expressam uma amostra significativa da produção da área. Ademais, em sua página *Web*, desde o ano 2000, vêm sendo publicados na íntegra todos os materiais trazidos à discussão anualmente.

Para se falar de interlocuções docentes, faz-se necessário explicitar que o conceito pressupõe a existência de sujeitos que se comunicam a partir de situações de sua realidade social concreta. Originalmente significa diálogo, mas o significado aqui será estendido a toda forma de interação e comunicação entre os sujeitos - verbal, não verbal, gestual ou, ainda, a omissão em relação a um posicionamento.

O universo deste estudo totaliza 140 produções do GT 23 (incluindo pôsteres, trabalhos, trabalhos encomendados e minicursos), apresentadas nas oito reuniões anuais analisadas (da 27ª à 34ª). Delimitada, então, a dimensão da pesquisa, ocupamo-nos com uma leitura preliminar dessas produções, objetivando delinear o primeiro filtro. Nessa primeira etapa, foram selecionados 68 trabalhos, tendo por critério a abordagem do tema sexualidade. O segundo filtro teve como critério os temas sexualidade e escola. Nessa etapa, foram extraídos 47 textos. Considerando o volume de produções, o terceiro filtro, tendo como critério o uso das variáveis sexualidade, escola e docente/professor, atingiu a marca de 31 trabalhos, dos quais num último filtro, 14 foram selecionados cujo objeto se remetia às formas pelas quais docentes se posicionam diante do tema da diversidade sexual

na escola: dois publicados em 2004, dois em 2006, dois em 2007, dois em 2008, quatro em 2009, um em 2010 e um em 2011.

Quanto ao *corpus* documental selecionado, cabe fazer algumas considerações. Primeiramente, embora seja suficiente e legítima a opção pelo GT 23, tendo em vista ser o GT temático que agrupa a produção de nosso interesse, o fato é que muito pouco sobre diversidades sexuais se encontra nos demais GTs da ANPEd, isso sem nem ao menos adentrar na especificidade do tema docentes e diversidade sexual. Em todo o período analisado, foram encontrados apenas oito textos sobre diversidade sexual em todos os demais 22 GTs.

Em segundo lugar, o material selecionado apresenta características interessantes, já que, dos já pouquíssimos 14 trabalhos, há duas autorias repetidas, diminuindo o grupo para 12 pessoas, considerando-se apenas o primeiro autor. Se nos fixarmos nas instituições de origem de autores e autoras, o caráter restrito da produção se amplia, pois dos 14 textos, apenas um é originário de instituição da região Norte e um da Centro-Oeste, com os demais 12 textos distribuídos pelas regiões Sul e Sudeste. Em termos do sexo de quem produz - considerando-se, novamente, só o primeiro autor -, encontramos sete mulheres e cinco homens, o que indica certo equilíbrio na produção. Esse dado sugere uma preferência de autores pelo tema diversidades sexuais, diferentemente de trabalhos que versam principalmente sobre gênero, que têm sido produzidos em absoluta maioria por pessoas do sexo feminino, conforme relatam estudos da arte sobre tais temas, da área de educação e de outras (Rosemberg, 2001; Matos & Marques, 2010; Ferreira *et al.*, 2013).

Na continuidade, apresentam-se algumas contribuições teóricas que nos permitiram compreender melhor a problemática da diversidade sexual na instituição escolar.

### **Referências sobre a orientação do desejo e a educação para a sexualidade na escola**

A escola caracteriza-se como um espaço democrático que deveria oportunizar a discussão de

questões sociais e o desenvolvimento do pensamento crítico. É nela que crianças e jovens vão conviver diretamente com as diferenças e confrontar-se com crenças, costumes e saberes distintos daqueles do ambiente doméstico. Enquanto instituição de formação para o exercício da cidadania, a escola assume papel central no processo de transformação social. Dessa forma, discussões sobre diversidade sexual também devem ter espaço garantido para combater discriminação e preconceito em relação às diversas expressões das sexualidades.

Considerando os docentes como referência a discentes, torna-se essencial a reflexão sobre suas interlocuções diante da diversidade sexual, traduzidas em posicionamentos de apoio, repúdio e/ou repressão das manifestações homoafetivas e homofóbicas que ocorrem na escola. Entretanto, ela não é espaço estático. Nela se estabelecem conflitos, disputas e relações de poder; e nela significados são rejeitados, produzidos e compartilhados (Moreira & Candau, 2003).

Apesar desses embates - propulsores, também, de mudanças -, a escola historicamente é normativa, comprometida em manter a ordem social hegemônica, incluindo a heteronormatividade. Segundo Dinis (2011, p.42), tal conceito foi cunhado por Michael Warner para descrever a norma que toma a heterossexualidade como universal "e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante". Desse modo, a heterossexualidade é tida como "normal", "natural". É generalizada, tornando-se compulsória. Por conseguinte, outras formas de sexualidade são percebidas como desvio, aberração, anomalia, crime, doença, imoralidade, amoralidade, perversão, pecado, *etc.* (Louro, 2007; Miskolci, 2011; Silva Junior, 2013).

O padrão heteronormativo molda condutas de discentes e docentes. Treinar os estudantes para o cumprimento das regras e enquadrá-los nos padrões sociais é um dos atributos da escola, que transmite e constrói conhecimentos, perpetuando valores, constituindo sujeitos, legitimando relações de poder, hierarquias e processos de acumulação (Junqueira, 2009).

Auxiliada por um currículo heteronormativo, a escola reforça diferenças e desigualdades. A partir de escolhas de conteúdos e práticas, estabelece-se o que é aceitável ou não (Carvalho, 2009). A reprodução das diferenças se dá ao classificar os sujeitos por etnia, sexo e classe social, contribuindo à manutenção da norma hegemônica. Assim, o ambiente escolar marginaliza e exclui os que não se enquadram nos padrões.

Na escola, estão presentes diversas formas de expressão da sexualidade. Em uma visão geral, sexualidade é entendida como um conjunto de descobertas, crenças, práticas, escolhas, fantasias e experiências relacionadas ao ato sexual construído ao longo da vida dos indivíduos. A sexualidade se encontra recoberta por valores morais que são determinados por comportamentos e costumes sociais que dizem respeito ao coletivo (Nunes, 2005). Dessa forma, sexualidade “é o conjunto de processos sociais que produzem e organizam a expressão do desejo e o gozo dos prazeres corporais, orientados a sujeitos do sexo oposto, do mesmo sexo, de ambos os sexos, ou a si mesmo/a” (Carvalho *et al.*, 2008, p.1). Este conceito vem a ser também um conceito relativo à forma como cada ser vivencia e significa o sexo, indo além do determinismo naturalista (Foucault, 1997).

Por ser encarada como “contagiosa”, a homossexualidade na escola promove ainda mais a exclusão de pessoas que não se enquadram no padrão heteronormativo. Uma vez que a aproximação entre pessoas reconhecidas como homossexuais e as demais pessoas pode ser lida como uma identificação de todas com a identidade homossexual, há a tendência a evitar o contato pelo temor a ser, também, marginalizado/a (Louro, 2007). Outro fator que contribui para essa postura social é a heterossexualidade presumida: os/as docentes conduzem suas aulas como se todos fossem heterossexuais (Junqueira, 2009).

Nesse contexto, o termo homofobia aparece de diversas formas: como um dispositivo de vigilância do gênero; como violência simbólica da dominação masculina (Bourdieu, 1999); como modo de organização e constituição do masculino, como produção

da cultura e saber que aparece na discriminação afetiva, intelectual e política por meio de lógicas heterossexistas (Borrillo, 2001). Assim, o preconceito hierarquizado como subcidadãos aqueles que são identificados como homossexuais (Prado & Machado, 2008). A homofobia pode ser compreendida como intolerância ou medo irracional à homossexualidade, expressos por violência física e/ou psíquica. A vivência recorrente dessas violências por pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) pode levar à homofobia internalizada, que é a incorporação de hostilidades quanto a sua própria orientação afetivo-sexual (Moita, 2003). A homofobia, nos dias de hoje, é um dos últimos preconceitos tolerados, constituindo-se, como aponta Dinis (2011), numa forma de afirmação da heterossexualidade masculina.

Negar a existência de homossexuais em aula possibilita que LGBTs reconheçam-se como desprezíveis e insignificantes e sejam acometidos por gozações e insultos (Louro, 1997). Nos discursos docentes, aparece a palavra “problema” ao fazer-se referência às diversidades sexuais. No entanto, o problema está nas práticas educativas diante do fato de o professor/professora não saber como agir em relação a essas situações (Joca, 2008).

Segundo Foucault, o discurso cria “verdades”, produz saberes, formas de pensar e interpretar o mundo; verdade entendida como processos de criação e invenção de nós mesmos. Nesse sentido, a ciência é produzida por nós, constituída pelo nosso discurso; é, então, uma vontade da verdade (Foucault, 2013). A escola, portanto, é um espaço de criação, produção e apropriação das ciências, e as interlocuções e discursos docentes criam e professam “verdades”, engendradas na constituição dos sujeitos/educandos.

Após esse breve panorama sobre homofobia na instituição escolar, apresentaremos questões referentes aos posicionamentos docentes diante da diversidade sexual levantadas nos textos do GT 23 da ANPEd, tomados como fonte de conhecimento da produção mais recente desenvolvida em Programas de Pós-Graduação em educação.

## Resultados

O primeiro texto selecionado é o de Ramires Neto (2004), que trata da invisibilidade da homossexualidade na escola. Ressalta as práticas escolares pautadas no binarismo masculino *versus* feminino. A homossexualidade vem à tona somente quando há violência -, ameaçada ou perpetrada - dirigida a um estudante que se revela ou é considerado *gay* ou lésbica. O texto assinala a escola como espaço que produz e reproduz o preconceito. O corpo docente lida com essas questões como desvios, palavra forte que, segundo o autor, foi substituída por "problema".

Pimentel (2004) relata as experiências de três jovens *gays* na escola (16 a 19 anos de idade), revelando como esses escapam da heteronormatividade para viver seus desejos e sua sexualidade. O autor explicita como se dão as relações desses jovens com colegas, expondo tais "transgressões à norma" como a realização de "jogos sexuais" que lhes motivam a frequentar a escola, apesar das discriminações que recebem. A menção feita pelo autor do texto a atitudes de docentes ocorre quando esse cita o relato de um dos jovens sobre sua primeira relação sexual, que ocorreu com o professor de educação física no banheiro dos professores.

O trabalho de Oliveira e Morgado (2006) pontua que o interesse para a realização da pesquisa surgiu de suas experiências docentes, a partir de observações de preconceito e discriminação contra a homossexualidade na escola. São descritas situações de discriminação e preconceito: "para muitos professores [...], os alunos são, geralmente, caracterizados pelo negativo. Alguns desses professores já trazem consigo uma definição de como os jovens deveriam agir" (Oliveira & Morgado, 2006, p.1). O artigo apresenta também uma entrevista com um *gay* e uma lésbica que abandonaram a escola diante das pressões sofridas.

Já Mokwa (2006) procura mostrar como são partilhadas as representações de educadores sobre sexualidade. A pesquisa detecta insegurança profissional e dificuldade dos docentes em abordar tais questões. Embora tenham demonstrado interesse e

intenção de desenvolver o tema na escola, fatores como família, religião, falta de conhecimento, constrangimento, falta de subsídios e de formação continuada são apontados como objeções à sua abordagem. De modo implícito, para a autora são os preconceitos e tabus dos próprios docentes que reforçam estereótipos e rejeições à discussão do tema.

Silva, D.P.M. (2007) também trata das dificuldades docentes em trabalhar com o tema, apresentando as mesmas justificativas indicadas anteriormente. Outra tendência é a frequente "preocupação" de pais e docentes com a manifestação precoce de identidade sexual, associada a atividades em parceria com o mesmo sexo, indicando "temores" quanto à homossexualidade.

Silva, M.P. (2007) discute como a sexualidade marca as relações pessoais e interfere no currículo de formação docente, analisando narrativas de três professores de ciências, os mais procurados por alunos e colegas de trabalho para tratarem do assunto. O currículo toma os professores por seres assexuados, ao tempo em que reforça a heteronormatividade. Sob o entendimento de que o currículo se constitui como espaço possível de mudanças, a autora propõe que sejam consideradas as experiências e subjetividades constituidoras do docente. Dentre os relatos analisados, encontra-se o de uma professora que, para não sofrer preconceitos e discriminação na escola, opta pelo ocultamento de sua condição homossexual, enfrentando vários conflitos de ordem pessoal que atuam sobre sua saúde física e emocional.

O artigo de Castro (2008) problematiza o preparo dos professores que passaram pela capacitação do Programa de Educação Afetivo-Sexual (PEAS) desenvolvido em escolas de Juiz de Fora (MG). Numa perspectiva foucaultiana, o autor percebe a escola, o PEAS e os cursos de formação docente como tecnologias de produção de sujeitos e de identidades. No reverso das falas elogiosas de docentes em relação à formação do PEAS, um olhar mais atento pode observar insegurança.

César (2008) estabelece um diálogo entre personagens reais e/ou fictícios que cruzaram as fronteiras de gênero e sexualidade e o discurso da

diversidade sexual no universo escolar. O texto é originário de uma pesquisa feita em escolas públicas de Curitiba, onde se constataram aspectos profundamente homofóbicos em entrevistas com docentes. A partir dos resultados do estudo, César (2008) apresenta o artigo como uma proposta de intervenção, utilizando análises dos filmes “Meninos não choram” (Peirce, 1999); “Transamérica” (Tucker, 2005); “Tudo sobre minha mãe” (Almodóvar, 1999) e o “Homem grávido” do *talkshow* de Oprah Winfrey (2008).

César (2009) examina a exclusão de transexuais e travestis na escola em virtude da proibição do emprego do nome social. Afirma que relatos das mais variadas fontes demonstram que a recusa do professorado em aceitar o nome social tem sido uma das principais causas da evasão escolar daqueles.

Assim como Castro (2008), Silva Junior (2009) aborda o desenvolvimento de um programa de orientação sexual, desta vez numa escola de Duque de Caxias, atendida pelo projeto “Saúde nas Escolas”. O objetivo do estudo foi investigar como questões relativas à sexualidade, principalmente as que visam o conhecimento do corpo, desejos, prazer e identidades sexuais, são abordadas no projeto e na prática pedagógica da escola. O programa foi desenvolvido com turmas do 8º ano, com autorização dos pais e conduzido pela equipe pedagógica. A importância da participação dos docentes é destacada positivamente, embora se ressalte também a resistência de alguns com justificativas diversas para não participar (conteúdo alheio à disciplina; pouco tempo de trabalho na escola *etc.*), consideradas pelo pesquisador como estratégias de reforço à heteronormatividade e de disciplinamento da sexualidade.

Fundamentado na teoria *queer*<sup>4</sup>, Reali (2009) traz depoimentos de três mulheres constituidoras de famílias homoparentais sobre suas relações com a escola. Em seus discursos, emergem o preconceito e a discriminação a que estão sujeitas. Como forma de

proteção a seus filhos, optam pelo silenciamento, invisibilidade e afastamento da vida escolar. Como sintetiza uma das entrevistadas, “*da escola é melhor manter distância*”.

No último texto selecionado do ano de 2009, Almeida e Mota (2009) analisam relatos de docentes *gays*, travestis e lésbicas sobre preconceitos e discriminações praticados contra eles pelos diversos sujeitos escolares. Os autores enfatizam que se faz necessária a adoção de uma postura pedagógica crítica nesse sentido, pois é também dever da escola promover a diversidade humana, incluindo o direito à igualdade e o respeito às diferenças.

No ano seguinte, Franco e Mota (2010) continuam a problematizar a identidade de docentes LGBT a partir da análise de um questionário aplicado a 73 docentes da Educação Básica em três escolas públicas. O questionamento do estudo é: o/a professor/a homossexual deve permitir que os/as alunos/as saibam como ele/ela vive a sua sexualidade? Pelo averiguado, a diversidade sexual permanece como fator de estranhamento e repulsa na escola. Somente cinco dos respondentes posicionaram-se favoráveis a uma postura aberta do docente homossexual diante dos discentes quanto à sua sexualidade. Apenas três se declararam homossexuais, nenhum deles entre os que responderam favoravelmente à questão anterior. Os autores concluem que, em geral, docentes vêm reafirmando, por suas práticas pedagógicas, um conjunto de normas preconceituosas.

Por fim, Bassalo (2011) apresenta discussões realizadas por 140 docentes do curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE), através da plataforma *moodle*<sup>5</sup>, sobre o filme “Milk: A voz da igualdade” (2008), objetivando compreender os significados oferecidos à homossexualidade. O estudo demonstra a existência de três grupos distintos, um com posturas homofóbicas, outro com certa aceitação da diversidade sexual, porém com estranhamento, e um último gru-

<sup>4</sup> Teoria *queer*: campo de pesquisa transdisciplinar voltado a estudar a experiência *gay*, lésbica e bissexual por meio da problematização das categorias de sexo, gênero e identidade. Portanto, tem por base a exploração de processos de constituição social das identidades sexuais, seja no passado ou na contemporaneidade (Edgar & Sedgwick, 2003; Miskolci, 2012).

<sup>5</sup> O Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) é uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em software livre. É um acrônimo de (ambiente modular de aprendizagem dinâmica orientada a objetos) (Sabattini, 2007, p.1), sendo bastante utilizada nos Programas de Educação a Distância desenvolvidos em instituições de ensino superior brasileiras.

po pautado no reconhecimento da diferença e igualdade, assumindo postura de defesa dos direitos dos homossexuais. Neste estão docentes que compreendem a escola como instituição que não pode se omitir e que apontam a necessidade de compromisso ético, posto que a heteronormatividade conduz à homofobia. Como toda forma de discriminação, segregação e exclusão social foi construída em determinado tempo e lugar, cada um de nós pode contribuir para que sejam desconstruídas e superadas.

### Discussão

Como pode ser observado, as produções da ANPEd relatam realidades muito próximas àquelas discutidas pelos referenciais teóricos que embasam este trabalho. Pode-se sintetizar esses resultados dizendo que as produções caracterizam a escola como espaço heteronormativo, que produz e reproduz o preconceito quanto às homossexualidades, sendo os docentes descritos, em sua maioria, como homofóbicos, intolerantes e discriminadores.

Ramires Neto (2004); Pimentel (2004); Oliveira e Morgado (2006); César (2009) e Reali (2009) discutem como a escola opera como um dispositivo de regulação da sexualidade, de naturalização e universalização da heterossexualidade, tomando a condição homossexual como desviante, tal qual nos demonstram as investigações de Louro (2007); Junqueira (2009); Dinis (2011); Miskolci (2011); Silva Junior (2013).

De acordo com os estudos de Moreira e Candau (2003); Joca (2008); Carvalhar (2009) e Junqueira (2009), a escola configura-se como espaço de disputas, conflitos e tensões, transmitindo e construindo conhecimentos, perpetuando valores, constituindo sujeitos e legitimando relações de poder. Dessa forma, molda condutas, classifica os sujeitos e reforça diferenças e desigualdades, conforme pode ser constatado nos trabalhos de Mokwa (2006); Silva, D.P.M. (2007); Castro (2008); Silva Junior (2009); Franco e Mota (2010) e Bassalo (2011), que relatam que docentes evitam trabalhar o tema da diversidade sexual e, mesmo nos casos em que passam por um processo de formação,

alegam, para justificar a resistência, fatores como: despreparo, falta de conhecimento, constrangimento, insegurança para tratar do assunto, conteúdo alheio à disciplina, questões de religiosidade, receio de reprovação das famílias dos educandos *etc.*, camuflando seus próprios preconceitos.

Relatos explícitos de homofobia docente são encontrados nos trabalhos de Oliveira e Morgado (2006); Silva, M.P. (2007); Cesar (2008, 2009); Almeida e Mota (2009); Reali (2009); e Bassalo (2011), tanto em relação a discentes quanto a docentes homossexuais. Nesse contexto, a homossexualidade é considerada contagiosa e tida como desvio, doença, imoralidade, perversão, pecado *etc.* (Louro, 2007; Miskolci, 2011; Silva Junior, 2013). Consequentemente, a homofobia no ambiente escolar desumaniza, marginaliza e exclui o sujeito homossexual (Bourdieu, 1999; Borrillo, 2001; Prado & Machado, 2008; Dinis, 2011).

Por fim, nesse quadro, há apenas no trabalho de Bassalo (2011) um grupo de docentes que se pauta no reconhecimento da diferença e na igualdade, posicionando-se em defesa dos direitos dos homossexuais.

Apesar de todos os preconceitos, a sexualidade - inerente ao ser humano e entendida como a expressão do desejo e o gozo dos prazeres corporais, orientados ao sexo oposto, ao mesmo sexo, a ambos os sexos ou a si mesmo, como nos elucidam Foucault (1997) e Carvalho *et al.* (2008) - manifesta-se na escola, ainda que se queira reprimi-la, tal qual demonstra Pimentel (2004) ao relatar as estratégias criadas por estudantes homossexuais para viverem sua sexualidade.

Os estudos retratam um cenário onde as interlocuções docentes sobre diversidade sexual na escola configuram-se como instáveis, variando entre repúdio, conviência, lutas, ocultamentos, silenciamentos *etc.* Assim, em sua quase totalidade, os trabalhos descrevem práticas preconceituosas quanto às homossexualidades. Uma forma de fazer avançar o conhecimento no campo seria um acompanhamento mais uniforme dos cursos de formação sobre gênero e sexualidade - que têm proliferado a partir do programa

“Brasil sem Homofobia” (Brasil, 2004) - para averiguar com maior propriedade que tipo de interferências nas práticas docentes têm sido geradas a partir dos mesmos referidos cursos.

## Conclusão

De modo geral, fica claro que, nas produções analisadas, a diversidade sexual na escola é tida como tabu. A homossexualidade é palco de discriminação e preconceito, os cursos de formação não transmitem segurança e não sanam as dificuldades dos docentes em tratar do tema. Nas interlocuções docentes, aparecem contradições, dissonâncias e um evidente empenho para manter a “normalidade” nos conceitos naturalizados de relações sexuais e afetivas. Podemos perceber que os próprios preconceitos dos docentes são demonstrados nas pesquisas e se tornam barreiras para o desenvolvimento de uma educação para a sexualidade.

Felizmente, hoje, já existe uma razoável produção envolvendo o tema da diversidade sexual na escola. Contudo, no *corpus* documental tomado aqui para exame, percebe-se a pouca presença dessa discussão no âmbito da ANPEd. Ademais, pelo que se capta nesses e em outros estudos, muito há o que fazer ainda para que a diversidade ingresse na escola. É de fundamental importância a ampliação de políticas educacionais que trabalhem para deslocar as discussões sobre diversidade sexual do senso comum, que busquem entender e respeitar a construção das identidades sexuais e de gênero, que promova o debate e combata o preconceito, possibilitando a construção de um ideário de uma educação democrática, pública e inclusiva. Lidar com essa relação de lutas, repressões e resistências ainda é um desafio para a educação brasileira. É preciso reconhecer que a diversidade é legítima.

## Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por concessão de auxílio à

pesquisa e bolsa de produtividade em pesquisa (Processos números 400828/2011-1, 306179/2011-3, 304460/2008-7, 400531/2007-0) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por concessão de bolsa de mestrado.

## Referências

- Almeida, N.F.P.; Mota, M.V.S. Docências que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero: a escola como espaço de imposições de poderes e resistências. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 32., 2009. Caxambu. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2009. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5887--Int.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- Bassalo, L. M. B. Heteronormatividade ou reconhecimento? Professores e professoras diante da homossexualidade. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 34., 2011. Caxambu. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-682%20int.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2014.
- Borrillo, D. *Homofobia*. Barcelona: Bellaterra, 2001.
- Bourdieu, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria Especial de Direitos Humanos. *Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- Carvalho, D.L. *Relações de gênero no currículo da educação infantil: a produção das identidades de princesas, heróis e sapos*. 2009. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- Carvalho, M.E.P.; Melo, R.A.; Ismael, E. Atividades com o corpo na educação infantil: limites da ação e formação docente. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 8., 2008. Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST53/Carvalho-Melo-Ismael\\_53.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST53/Carvalho-Melo-Ismael_53.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2014.
- Castro, R.P. Professores (as), sexualidade e educação sexual: produzindo sujeitos nos contextos do Programa de Educação Afetivo-Sexual (PEAS). In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 31., 2008. Caxambu. *Anais eletrônicos [...]*. Rio de Janeiro: ANPEd, 2008. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT23-4624--Int.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2014.

César, M.R.A. Quatro intervenções para uma pedagogia queer. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 31., 2008. Caxambu. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2008. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT23-4614-Int.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

César, M.R.A. Um nome próprio: transexuais e travestis nas escolas brasileiras. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 32., 2009. Caxambu. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2009. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5521-Int.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2014.

Dinis, N.F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, n.39, p.39-50, 2011.

Edgar, A.; Sedgwick, P. (Org.). *Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo*. São Paulo: Contexto, 2003.

Ferreira, M.O.V.; Klumb, M.C.V. A produção de mulheres e homens na escola: anotações a partir de trabalhos publicados na ANPEd. *Labrys, Estudos Feministas*, n.22, p.1-32, 2012. Disponível em: <<http://www.labrys.net.br/labrys22/education/marcia%20ferreira.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

Ferreira, M.O.V.; Nunes, G.H.L.; Klumb, M.C.V. As temáticas gênero e sexualidades nas reuniões da ANPEd de 2000 a 2006. *Revista Brasileira de Educação*, v.18, n.55, p.899-920, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n55/06.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

Foucault, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

Foucault, M. *A ordem do discurso*. 23.ed. São Paulo: Loyola, 2013.

Franco, N.; Mota, M.V.S. A visibilidade da sexualidade do/a docente homossexual na escola. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 33., 2010. Caxambu. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2010. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6209-Int.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

Joca, A.M. *Diversidade sexual na escola: um "problema" posto à mesa*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

Junqueira, R.D. Diversidade sexual e homofobia: a escola tem tudo a ver com isso. In: Xavier Filha, C. (Org.). *Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual*. Campo Grande: UFMS, 2009. p.111-142.

Louro, G.L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Louro, G.L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Matos, M.; Marques, D. Caminhos das discussões acadêmicas sobre o tema de gênero, mulheres e política: em que momento estamos? In: Brasil. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Observatório Brasil de igualdade de gênero*. Brasília: SPM, 2010. 55p. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/caminhos-das-discussoes-academicas-sobre-o-tema-de-genero-mulheres-e-politica-em-que-momentos-estamos>>. Acesso em: 6 mar. 2015.

Miskolci, R. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: Souza, L.A.F.; Sabatine, T.T.; Magalhães, B.R. (Org.). *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*. Marília: Oficina Universitária, 2011. p.47-68.

Miskolci, R. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Moita, G.L. Essências e diferenças: minorias sexuais ou sexualidades (im)possíveis. In: Fonseca, L.; Soares, C.; Vaz, J.M. (Org.). *A sexologia: perspectiva multidisciplinar II*. Coimbra: Quarteto, 2003. p.93-116.

Mokwa, V.M.N.F. Representações sociais de educadores do ensino fundamental sobre sexualidade. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 29., 2006. Caxambu. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2006. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/posteres/GT23-2362-Int.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

Moreira, A.F.; Candau, V.M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, n.23, p.156-168, 2003.

Nunes, C.A. *Desvendando a sexualidade*. 7.ed. Campinas: Papirus, 2005.

Oliveira, M.R.A.; Morgado, M.A. Jovens, sexualidade e educação: homossexualidade no espaço escolar. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 29., 2006. Caxambu. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2357-Int.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2014.

Pimentel, N.P. Sexualidade e cotidiano escolar. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 27., 2004. Caxambu. *Anais eletrônicos [...]*. Rio de Janeiro: ANPEd, 2004. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/ge23/p235.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2014.

Prado, M.A.M.; Machado, F.V. *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

Ramires Neto, L. Um silêncio desconcertante: a homossexualidade permanece invisível na escola. In: Reunião

Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 27., 2004, Caxambu. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2004. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t237.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

Realí, N.G. Homoparentalidade e escola: que conjugação é essa? In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 32., 2009. Caxambu. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2009. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5637--Int.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

Rosemberg, F. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. *Educação e Pesquisa*, v.27, n.1, p.47-68, 2001.

Sabatini, R.E.M. Ambiente de ensino e aprendizagem via internet: a plataforma moodle. Instituto EduMed, 2007. Disponível em: <<http://www.ead.edumed.org.br/file.php/1/PlataformaMoodle.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

Silva, D.P.M. Gênero e sexualidade nos PCNs: uma proposta desconhecida. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 30., 2007. Caxambu. *Anais eletrônicos [...]* Rio de Janeiro: ANPEd, 2007.

Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-2871--Int.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

Silva, M.P. Quando o estranho é o professor: narrativas sobre sexualidade e o currículo de formação de professores. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 30., 2007. Caxambu. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2007. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3718--Int.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

Silva Junior, P.M. Corpos, escola & sexualidades: um olhar sobre um programa de orientação sexual. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 32., 2009. Caxambu. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPEd, 2009. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5302--Int.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

Silva Junior, J.A. Diversidade e educação: apontamentos sobre gênero e sexualidade na escola. In: Rangel, M. (Org.). *A escola diante da diversidade*. Rio de Janeiro: Wak, 2013. p.69-105.

Recebido em 17/11/2014, reapresentado em 11/2/2015 e aprovado em 27/2/2015.